

A mistagogia como “novidade” para a catequese nos dias de hoje

Gislane Reis Ribeiro Toledo¹

Resumo: A catequese mistagógica não era uma experiência desconhecida para os primeiros cristãos, mas ao longo da história da Igreja foi perdendo seu significado. Hoje vemos a necessidade e a sua importância para a catequese. Faz-se necessário uma catequese mistagógica, renovada pela experiência dos iniciados, inspirada pelo ímpeto renovador do Concílio Vaticano II, que nos faça retomar o sentido e a importância da mistagogia como fator fundamental para a educação da fé nos tempos atuais. Na leitura de algumas publicações e textos relacionados com catequese e mistagogia, revisamos os documentos da Patrística, Concílio Vaticano II, Catequese Renovada, os Diretórios para a catequese, e os documentos do CELAM. O documento de Aparecida fala de uma iniciação à vida cristã com uma catequese permanente, querigmática e mistagógica, proclamando a necessidade de deixar uma pastoral de mera conservação, avançando para a renovação da Igreja e de novas práticas evangelizadoras. Devemos salvaguardar a mistagogia e retomarmos essa etapa do processo catecumenal fundamental para uma plena vida cristã.

Palavras-chave: Mistagogia. Catequese. Iniciação Cristã.

INTRODUÇÃO

A mistagogia, uma “novidade” tão antiga. A catequese mistagógica não era uma experiência desconhecida para os primeiros cristãos, mas ao longo da história da Igreja foi perdendo seu significado. Hoje, vemos a necessidade e a sua importância para a catequese. Devemos salvaguardar a mistagogia e retomarmos essa etapa do processo catecumenal fundamental para uma plena vida cristã. Nas etapas do processo de Iniciação à Vida Cristã, a catequese mistagógica é a última, mas não a menos importante. Na verdade, toda catequese é mistagógica; porém, no processo catecumenal é o último tempo da iniciação durante o período pascal: visa ao progresso no conhecimento do mistério celebrado, através de novas explicações, e ao começo da participação integral na comunidade (CNBB, Documento 97, p. 98).

A mistagogia não é um conceito novo, como assinalamos acima, por isso devemos voltar às origens e refazer os passos, ao citar alguns autores da patrística, como as catequeses mistagógicas de João Crisóstomo e de Cirilo de Jerusalém.

A catequese mistagógica tem um claro sinal de evangelização que observa todas as etapas para o conhecimento e aprofundamento da fé em Jesus Cristo. Faz-se necessário uma catequese mistagógica, renovada pela experiência dos iniciados, inspirada pelo ímpeto

1 Mestranda em Teologia. PUC-Rio Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail: grrtoledo@gmail.com

renovador do Concílio Vaticano II, que nos faça retomar o sentido e a importância da mistagogia como fator fundamental para a educação da fé nos tempos atuais.

1 CATEQUESE MISTAGÓGICA NOS PRIMEIROS SÉCULOS

A comunidade primitiva também se preocupou com a educação da fé. O centro da primeira pregação do anúncio evangélico, o querigma, foi o mistério pascal. O conteúdo dessa catequese primitiva era a mensagem contida nos textos do Novo Testamento e de outros escritos cristãos mais antigos.

No século II, o número de conversões aumentava consideravelmente, mas muitos batizados se deixavam levar pela heresia ou pelo temor das perseguições. Foi, então, que teve início o catecumenato institucionalizado; um tempo extremamente sério de formação para afirmar bem a fé, davam testemunho de vida no meio do mundo pagão, comunicando sua fé e transmitindo seu credo. O que se apresentava para ser cristão era levado por um ou vários irmãos que garantiam perante a comunidade as boas intenções do candidato e que tinha possibilidade de conversão. Os chamados padrinhos eram os que introduziam na comunidade os candidatos, e que mais tarde eram responsáveis pelo primeiro anúncio. Esses padrinhos guiavam e regulavam a mudança de vida dos candidatos e os acompanhavam até que o bispo os chamasse para fazer parte daqueles que se preparavam para o Batismo, somente depois os candidatos se tornavam catecúmenos.

No século III, o catecumenato estava estruturado em quatro etapas: pré-catecumenato (primeiro anúncio), catecumenato propriamente dito (instrução, conversão), iluminação-purificação (tempo quaresmal-pascal) e mistagogia (pós-sacramento). Esse processo catecumenal durava três anos e no final havia um escrutínio para escolher os candidatos ao batismo, após o qual se seguia a catequese mistagógica, explicação e introdução nos mistérios de Jesus Cristo. Consistia na introdução progressiva da Palavra de Deus na vida do catecúmeno, que caminhava para os sacramentos na noite pascal: Batismo, Confirmação e Eucaristia. O batizado revivia a Vida, Morte e Ressurreição de Cristo: eram os ritos místéricos da iniciação, inspirados também em antigas tradições religiosas, que depois foram purificados, adaptados e inovados pela Igreja.

2 CATEQUESE MISTAGÓGICA NA PATRÍSTICA

O primeiro estudioso, que definiu a mistagogia como catequese sobre os mistérios e a colocou na catequese patrística, foi Jean Daniélou (padre jesuíta e cardeal francês, que participou ativamente no Concílio Vaticano II), distinguindo a catequese que precede a iniciação sacramental e a catequese que a segue. A mistagogia seria a catequese feita depois de celebrados os sacramentos da iniciação cristã.

Para sermos mais exatos, somente as catequese mistagógicas de Cirilo de Jerusalém (COSTA, 2015, p. 53-101), vividas na Igreja nos séculos III e IV, deram-se depois da celebração

dos mistérios. Outros padres da Igreja, como Ambrósio de Milão, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia, embora digam que essa catequese era feita depois de celebrado o rito, sabe-se que eles pregaram algumas homilias mistagógicas durante a quaresma, ou seja, antes da Páscoa.

Somente no século IV, com os padres capadócius, o termo mistagogia passou a se aplicar às ações sacramentais do Batismo e Eucaristia e a indicar os comentários aos ritos batismais ocorridos na semana posterior à celebração do sacramento do Batismo. Gregório de Nazianzo integra, também, as ações sacramentais e o ministério presbiteral. Os principais documentos sobre o catecumenato, contendo orientações quanto ao conteúdo e métodos, tanto para dimensão litúrgica como comunitária, são as Catequeses de Cirilo de Jerusalém (JERUSALÉM, 2015, p. 31-79); as Homilias Catequéticas de Teodoro de Mopsuéstia; as Catequeses Batismais de João Crisóstomo (MAZZA, 2020, p.134-135); os Tratados sobre os Sacramentos e os Mistérios de Ambrósio; os Discursos Catequéticos de Gregório de Nissa e a Instrução dos Catecúmenos de Agostinho.

Mas, o principal significado de mistagogia pode ser indicado por três autores: a) a celebração dos sacramentos da iniciação cristã (João Crisóstomo); b) a catequese sobre esses mesmos sacramentos (Cirilo de Jerusalém); c) uma teologia fortemente espiritualizada que se nutre da experiência litúrgica (Dionísio).

Enrico Mazza afirma em seu livro, *As catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método*, que “a mudança de significado de ação sacramental para catequese sobre os sacramentos tenha ocorrido entre João Crisóstomo e as cinco catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém” (MAZZA, 2020, p.21). E, inspirado em Crisóstomo, Mazza ressalta que os sacramentos da iniciação cristã conduzem o catecumenato ao mistério de Deus a partir dessa experiência sacramental; podendo assim concluir que as catequeses sobre os sacramentos podem ser chamadas de mistagógicas. A mistagogia não é uma forma ou um modo de catequese, mas um fato teológico, uma maneira de fazer teologia (MAZZA, 2020, p.28 e 29).

3 A CATEQUESE NO CONCÍLIO VATICANO

O impulso renovador presente no Concílio Vaticano II (1962-1965) foi decisivo para a caminhada da catequese. Muitos foram os documentos produzidos pela Igreja sobre a catequese.

Em 1971, foi publicado a primeira edição do Diretório Catequético Geral. Uma segunda edição veio em 1997, e pela Sagrada Congregação para o Clero, o Diretório Geral para a Catequese, com uma catequese mais eclesial, comunitária, experiencial e antropológica.

Muitos outros documentos contribuíram para um aprofundamento da catequese. Entre eles temos a Catequese Hoje (1979), Catecismo da Igreja Católica (1992/1997), Compêndio do Catecismo da Igreja Católica (2005), Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos (RICA, 1972), Catequese Renovada (1984), Diretório Nacional da Catequese (2007), Novo Diretório para

a Catequese (2020). Nesse novo documento, fala-se do primado dado ao querigma, a ponto de nos levar a propor uma catequese querigmática, não tirando nada do valor mistagógico, nem do testemunho da caridade. O tempo da mistagogia corresponde ao início do chamado à santidade, que sob a influência do Espírito Santo, alimentado pelos sacramentos, leva os batizados a conformarem sua vida à vida de Cristo.

A tarefa da catequese é proporcionar um aprofundamento da fé, ajudar os homens e mulheres a penetrarem, interpretar e julgar suas experiências, atribuindo um sentido cristão à própria vida. É de fundamental importância dar prioridade à catequese de adultos, pois são destinatários privilegiados; e deve ser considerada a principal forma de catequese.

O interesse da catequese pela restauração do catecumenato é muito grande, pois, dentro do processo de iniciação à vida cristã ela encontra o melhor lugar para exercer sua missão mistagógica. Diferente da concepção tradicional da catequese, onde eram privilegiados quase que somente o conteúdo doutrinal, o catecumenato é uma educação de toda a vida cristã, com o fim de unir os discípulos com Cristo.

4 DOCUMENTOS DO CELAM

As quatro Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe marcaram a Igreja na América Latina, dando-lhe um rosto muito próprio e bem definido. A primeira realizou-se no Rio de Janeiro (1955); a decisão mais importante desta Conferência foi a criação de um organismo que pudesse unir mais as forças da Igreja na América Latina; assim surgiu a ideia do CELAM. No Brasil aconteceram passos importantes em direção a uma nova catequese; em 1949 nasceu a Revista Catequética, da Ação Católica, fundada por Dom Helder Câmara e por Mons. Álvaro Negromonte, com contribuições para a renovação catequética: bíblicas, querigmáticas, pedagógicas e litúrgicas.

A segunda Conferência realizou-se em Medellín, Colômbia (1968), nos alertando sobre a “necessidade de uma renovação da catequese”, fundamental para a educação e a fé dos jovens e dos adultos, em todas as camadas. Essa necessidade foi motivada pela mudança constante que acontecia no mundo e no processo de maturação da Igreja na América Latina. Por isso, a importância de uma revisão da pastoral da confirmação, com novas formas de catecumenato, na catequese de adultos, para a preparação para os sacramentos.

A terceira conferência aconteceu em Puebla de los Angeles, México (1979), que nos exorta em seu capítulo III, que a catequese “consiste na educação ordenada e progressiva da fé”, e deve ser uma atividade prioritária na América Latina, se quisermos conseguir uma renovação profunda da vida cristã, e, assim, conseguir uma nova civilização de pessoas que participem e que estejam em comunhão na Igreja e na sociedade. O Documento de Puebla conclui com duas orientações práticas sobre a ação da catequese: deverá dirigir-se de forma simultânea aos grupos e às multidões, como às missões populares, renovadas numa linha de evangelização; e favorecer a catequese permanente, desde a infância até a velhice

integrando-se entre si as comunidades ou instituições que catequizam, como a família, a escola, a paróquia, os movimentos e as diversas comunidades ou grupos pastorais.

A quarta Conferência aconteceu em Santo Domingo na República Dominicana (1992); nos aponta que a Igreja na América Latina percebeu a necessidade de uma profunda renovação na catequese, para que pudesse levar adiante sua missão fundamental de educar eficazmente a fé, não somente os jovens e os adultos, mas a todos que vivem num mundo em constante transformação.

A Nova Evangelização deve acentuar uma catequese querigmática, mistagógica e missionária, com um itinerário contínuo que vá desde a infância até à idade adulta, utilizando os meios mais adequados para cada idade e situação.

Para que Cristo esteja no interior da vida do povo, faz-se necessário uma catequese mistagógica e renovada e uma liturgia viva, numa Igreja em estado de missão, que resgate todos que estão afastados e indiferentes, tendo a preocupação de que os seus principais destinatários sejam os mais pobres.

A quinta Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, São Paulo (2007). O documento de Aparecida fala de uma Iniciação à vida cristã com uma catequese permanente. Pois, são muitos os cristãos que não participam da Eucaristia dominical ou nem recebem com regularidade os sacramentos e não se interessam pela vida na comunidade eclesial. A porcentagem de católicos que não tem a consciência de que sua missão é ser sal e fermento no mundo é muito alta, revelando uma identidade cristã fraca e vulnerável. Sem esquecer a importância da família na iniciação cristã, pois se ela não participar desse processo, grande será o desafio de imaginar e organizar novas formas de nos aproximarmos deles para ajudá-los a valorizar o sentido da vida sacramental, da participação comunitária e do compromisso de ser cidadão. O desafio que devemos encarar com decisão, coragem e criatividade, visto que, ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora.

A mistagogia dá um direito especial ao testemunho porque ele é o caminho mais coerente para o convite à fé (COSTA, 2015, p. 186). O testemunho ganha o lugar que valoriza a experiência tanto pessoal como comunitária. Aquele que dá testemunho se compromete e se responsabiliza, colocando a própria vida como garantia para ser mediação do convite que parte de Deus.

5 A FORMAÇÃO DO CATEQUISTA COMO MISTAGOGO DA FÉ

Uma catequese que se renova em seus métodos precisa renovar também o perfil do catequista como pedagogo e mistagogo da fé, a exemplo de Jesus. O Novo Diretório para a Catequese nos diz que a formação é um processo permanente que, sob a orientação do Espírito e na vida da comunidade cristã, o batizado encontra a ajuda necessária para tratar

a sua identidade mais profunda que é a de filho de Deus em relação de comunhão profunda com os outros irmãos.

A formação do catequista tem por finalidade torná-lo consciente de que, enquanto batizados, são verdadeiros discípulos missionários evangelizadores e habilitados pela Igreja a anunciar o Evangelho, educar na fé e acompanhar o crescimento dos irmãos na vida cristã.

Papa Francisco, em sua carta apostólica em forma de *Motu Proprio Antiquum Ministerium*, reconhece que o ministério mais antigo na Igreja é o do catequista.

O Catequista é chamado a manifestar por palavras, ações e atitudes a sua competência no serviço pastoral da transmissão da fé. Como educador da fé, o catequista, deve compreender as diferentes etapas que constituem o processo catecumenal: desde o primeiro anúncio que introduz no querigma, passando pela instrução que os torna conscientes da vida nova em Cristo e prepara de modo especial para os sacramentos da iniciação cristã, até à formação permanente que permite que cada batizado esteja sempre pronto “a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede” (1 Pd 3,15). O Catequista é, ao mesmo tempo, testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhante e pedagogo que instrui em nome da Igreja. (FRANCISCO, 2013, n. 6)

A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese, pois é na comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, convidando homens e mulheres à conversão e a seguirem o Cristo. Portanto, o lugar por excelência da formação do catequista é a comunidade cristã, onde a variedade de carismas e ministérios a transformam num ambiente propício para se transmitir e se viver a vida de fé. (DC, n. 133)

O catequista é também um mestre que ensina a fé (DC n. 143). Para isto é necessário que o catequista conheça as grandes etapas da história da salvação, do Antigo Testamento ao Novo Testamento; a história da Igreja, à luz do mistério pascal de Jesus Cristo; os núcleos essenciais da mensagem e da experiência cristã, o Símbolo da fé, a liturgia e os sacramentos, a vida moral e a oração; os elementos principais do Magistério eclesial acerca do anúncio do Evangelho e da catequese. Em contextos ecumênicos e de pluralismo religioso, o catequista precisa conhecer os elementos essenciais da vida e da teologia das outras Igrejas e comunidades cristãs e das outras religiões, para que o diálogo seja autêntico e frutuoso, no respeito pela identidade de cada um.

Na dimensão do saber “fazer”, o catequista deve formar-se para crescer como educador e comunicador, com amadurecimento de algumas atitudes como: a capacidade de liberdade interior e gratuidade, de dedicação e coerência; a competência na comunicação e na narração da fé; o amadurecimento de uma mentalidade educativa; a gestão serena das relações educativas; a capacidade de predispor um itinerário de fé.

Todo catequista se deve fazer passar, através do seu ensino e do seu modo de se comportar, a doutrina e a vida de Jesus Cristo; a leitura orante das Sagradas Escrituras, a oração em família, a alegria da celebração litúrgica e a experiência comunitária. Um verdadeiro

catequista é aquele que pelo seu testemunho conduz o outro ao caminho da santidade. O catequista deve se fazer Evangelho para o outro.

A catequese não se conclui com recepção dos sacramentos, como acontecia até recentemente. O processo de iniciação à vida cristã se completa com um quarto tempo chamado de mistagogia. Essa palavra significa conduzir ao mistério, assim como pedagogia significa conduzir a criança para o crescimento. Podemos concluir que o catequista mais do que um pedagogo, é um mistagogo, isto é, conduz o neófito mais e mais a descoberta de Jesus Cristo, seu Evangelho e sua Igreja. A mistagogia como um processo metodológico, significa educar na fé, através da liturgia e dos sacramentos que são grandes mistérios da fé e que realizam em nós a salvação. Podemos afirmar que a mistagogia não é apenas o último tempo do catecumenato, mas tempo que perpassa por todo o processo iniciático (LIMA, 2016, p. 261).

6 DESAFIOS

O documento de Aparecida fala de uma Iniciação à Vida Cristã com uma catequese permanente, querigmática e mistagógica, proclamando a necessidade de deixar uma pastoral de mera conservação, avançando para a renovação da Igreja e de novas práticas evangelizadoras (DAp n. 366-368).

Um desafio importante é a formação teológica e pedagógica dos catequistas, que se revela precária e insegura, apesar da boa vontade de alguns. Muitos catequistas ainda resistem com a formação permanente, preferem não se atualizar, acham que o que sabem já basta. A dificuldade na formação se torna mais grave, pois os materiais e subsídios são com frequência muito variados e não se incorporam em uma pastoral de conjunto; e nem sempre são portadores de métodos pedagógicos atualizados. A catequese não pode se limitar a uma formação meramente doutrinal, mas precisa ser uma verdadeira escola de formação integral.

A catequese não deve ser só ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã, mas sim “itinerário catequético permanente”.

Hoje, em muitas paróquias, a catequese ainda possui uma abordagem clássica com métodos de perguntas e respostas, deixando de lado a experiência e as situações de vida vividas pelos catecúmenos e pelo próprio catequista. A catequese não é aula, e o catequista não é professor, mas uma troca de experiências entre o catequista e o catecúmeno, que levam a um maior aprofundamento da fé a caminho da comunhão plena com Deus.

CONCLUSÃO

O processo da Iniciação à Vida Cristã não se esgota na preparação aos sacramentos, mas é caminho para o seguimento e adesão a Jesus Cristo, que deve ser feito e refeito, tanto quanto for necessário com a meta de conduzir a esse mistério que é Cristo, professando sua fé Nele e inserindo a pessoa na comunidade cristã. A mistagogia é o último tempo pedagógico do processo da iniciação à vida cristã, cuja finalidade é fazer com que os novos membros da

Igreja possam obter um conhecimento mais completo dos sacramentos que receberam na Vigília Pascal.

A catequese como iniciação mistagógica insere o crente na experiência viva da comunidade cristã, verdadeiro lugar da vida de fé. Esta experiência de formação é progressiva e dinâmica, rica em sinais e linguagens, favorável para uma integração de todas as dimensões da pessoa. Tudo isto remete diretamente para a conhecida intuição, bem radicada na reflexão catequética e na pastoral eclesial, da inspiração catecumenal da catequese, que se torna cada vez mais urgente (DC, n. 2).

O Concílio Vaticano II lança as bases para que uma intensa reformulação aconteça na liturgia, na catequese e na espiritualidade, resgatando antigas e veneráveis memórias dos cinco primeiros séculos. Uma nova forma como a prática evangelizadora da patrística, a mistagogia como um caminho inspirador, com capacidade de responder e dar soluções, que conjugam experiência, encontro, celebração adesão e compromisso. A mistagogia assume a função de ser um dos eixos que põe em movimento a nova dinâmica teológica e pastoral assumida pelo Concílio Vaticano II e apresenta-se como uma pedagogia de fé que leva em consideração a pessoa, sua aptidão à experiência, sua pluralidade e suas relações.

A mistagogia não é um tempo que finaliza um processo, mas um tempo que inicia um novo caminho. A dinâmica mistagógica não compreende a transmissão de conteúdos e conhecimentos, mas é o encontro com o próprio Deus que se revela, um encontro vital que transforma cada um. Essa transformação operada pelos sacramentos pascais não é apenas um convite para seguir Jesus, mas faz com que a pessoa se torne discípulo e apóstolo no mundo, conduzindo-o a sua plenitude: “até que alcancemos todos nós a unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus” (Ef 4,13).

A catequese mistagógica é fundamental para a condução da pessoa ao mistério de Cristo. Uma conversão plena, onde o cristão conforma a sua vida à vida de Cristo, vivendo e amando como Cristo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CELAM. *Documento de Aparecida*, texto conclusivo da v conferência geral do episcopado latino-americano e do caribe, 13-31 de maio de 2007, 2ª edição. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CELAM. *Documentos Conclusivos das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo*. Conselho Episcopal Latino-Americano. São Paulo: Paulus, 2004.

CNBB. *Catequese Renovada*. Documentos da CNBB 26. São Paulo: Paulinas, 1984.

CNBB. *Iniciação à vida cristã: Um processo de inspiração catecumenal*. Documentos da CNBB 97. Brasília: CNBB, 2009.

CNBB. *Diretório Nacional da Catequese*. Documentos da CNBB 84. São Paulo: Paulinas, 2007.

CPPNE. *Diretório para a Catequese*. Documento do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. São Paulo: Paulus, 2020.

COSTA, Rosemary F. *A Mistagogia em Cirilo de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.

COSTA, Rosemary F. *Mistagogia de Hoje*. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO, PP. *Carta apostólica em forma de Motu Proprio Antiquum Ministerium*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

JERUSALÉM Cirilo de. *Catequeses Mistagógicas*. Tradução de Frei Frederico Vier; Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

LIMA, Luiz Alves. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2016.

MAZZA, Enrico. *As catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método*. São Paulo: Loyola, 2020.

RICA. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SCC. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 1998.